



GT 029. Culturas populares, rituais, festas e sujeitos em performance: diversidade sexual, racial e de gênero

Rafael da Silva Noletto (Universidade Federal de Pelotas) - Coordenador/a, Hugo Menezes Neto (Universidade Federal de Pernambuco) - Coordenador/a

No campo de estudos sobre rituais, festas, culturas populares e manifestações performáticas há uma discussão consolidada sobre práticas culturais coletivas que conformam estruturas rituais, sociabilidades festivas e pertencimentos identitários. Com muita frequência, entretanto, as abordagens privilegiam a análise de certas manifestações culturais em sua totalidade performática, invisibilizando processos de subjetivação dos sujeitos que as integram. Em detrimento do debate sobre como os sujeitos produzem suas manifestações artísticas-culturais, buscaremos discutir como essas manifestações produzem os seus sujeitos e, de outra perspectiva, como os referidos processos de subjetivação por vezes apontam para a subversão e agenciamento de lógicas, dinâmicas e conteúdos simbólicos da tradição. Pensando o desafio da gestão das diferenças sociais e do peso das premissas tradicionais presentes nos contextos rituais, festivos e/ou artísticos, pretendemos reunir pesquisas que discutam tais contextos na interface com os debates antropológicos sobre diversidade sexual, etnicorracial e de gênero, atentando para: os processos através dos quais as pessoas se tornam sujeitos sexualizados, racializados e generificados; e as possibilidades de mudanças de práticas rituais, festivas e/ou artísticas como efeito das atuais discussões políticas sobre a diversidade e a gestão da diferença.

A mulher no rock: sua presença e performance na cena em Belém do Pará

Autoria: Keila Michelle Silva Monteiro

Este work foca na presença feminina e sua performance na cena rock em Belém do Pará. De acordo com pesquisas anteriores, Weller (2006) afirma haver ausência de abordagens sobre a presença feminina nas culturas ou subculturas juvenis e isso tem sido alvo de crítica de algumas autoras. O rock, em geral, tem se mostrado um gênero musical ligado ao machismo. Mazzoleni (2012), no seu livro *As Raízes do Rock*, cita várias mulheres presentes nas origens musicais do rock, porém não se dá o merecido destaque a elas e às outras que se mostra(ram) firmes na cena no decorrer do século XX. Apesar da sua presença, os homens predominam e a maioria delas não tem o sentimento de pertencimento e não assume uma identidade ligada a esse gênero musical. Em Belém, desde o início, mulheres participavam mesmo que timidamente como público, como lembra Machado (2004) ao falar de um show nos anos 80, em que a presença de meninas era fato raro em shows de rock "pesado". Conforme a pesquisa de Araújo (2013), a artista Sammliz afirma não se lembrar de muitas mulheres nos espaços destinados ao rock, porém o entrevistado Márcio relata certo crescimento da presença feminina nos shows na década de 90 e revela que a fãs da banda DNA eram chamadas por alguns de "DNetes"; a visão relatada deprecia mulheres como público, como descreve Merheb (2012) as groupies eram vistas por integrantes do movimento feminista não como símbolos de mulheres que romperam tabus sexuais e familiares para ter uma vida mais divertida, mas com a condescendência dirigida às vítimas de sexismo ou com a intolerância de quem se sente moralmente superior. Nessa época, Sammliz criou a banda feminina Morganas, para afirmar-se na cena enfrentando preconceitos, pois, conforme Sousa (2018), apesar do apoio dos amigos, teve que lidar com alguns entraves na cena relacionados à questão de gênero, ao mesmo tempo grupos de rock com mulheres, identificando-se ou não como feministas, vinham crescendo na cena local, e atualmente, muitas bandas têm obras e performances de conteúdo anti-machista e anti-sexista, como, por exemplo, Coisadeninguém e Klitores Kaos. Sousa revela que segue a resistência e as garotas ocupam os espaços e produzem festivais em que o critério de escolha das bandas é haver pelo menos uma integrante feminina no grupo. Percebo, portanto, que mulheres, no interior e na capital paraense,

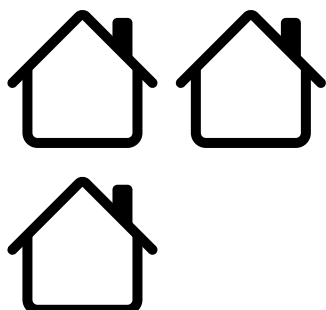


apropriam-se do rock e resistem combatendo tal invisibilidade fazendo a diferença na cultura machista do rock e na vida de outras mulheres.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

